

Memória Descritiva

Em resposta ao enunciado proposto, achei que seria interessante explorar o impacto que o exílio tem na vida de uma pessoa. Decidi abordar este tema através de duas vertentes diferentes, a vertente social e a vertente pessoal, representadas respectivamente através da serigrafia e da gravura.

Através da serigrafia, pretendi passar o lado positivo que um exílio pode ter a nível social. Ocultando todos os pontos negativos, o exílio torna-se também uma oportunidade de um novo começo. Na sociedade em que vivemos atualmente, inevitavelmente as pessoas que nos rodeiam têm uma ideia formada sobre nós, que vai sendo construída através das nossas atitudes, dos valores que representamos, das pessoas com que nos relacionamos e até dos sítios que frequentamos. Essa ideia formada acerca de uma pessoa, muitas vezes é vista como uma verdade absoluta, uma verdade maioritariamente incorreta e incompleta. Se o próprio ser não sabe de tudo o que é feito e não se sabe descrever, como pode ser definido por outros seres? Acabamos por ser consumidos por esta sociedade julgadora que não nos dá uma segunda oportunidade para sermos vistos com outros olhos. E neste seguimento que de certa forma me fascina a ideia de chegar a um sítio completamente diferente, onde tudo é novidade e ninguém nos conhece. A possibilidade de criar uma “nova identidade”, de “começar do zero”. Mais certamente de nos podermos dar a conhecer de uma maneira diferente.

Ao contrário da serigrafia a gravura reflecte o exílio na vida de alguém de um modo pessoal, ou seja a maneira como olhamos para nós próprios e reconhecemos a nossa vida. Como referido anteriormente, não é fácil mudarmos a forma como as pessoas nos vêem e como a sociedade nos descreve, mas o obstáculo maior é redefinimos quem somos. Para qualquer ser com um passado torna-se impossível começar totalmente de novo. A nossa vida é delineada pelos diferentes acontecimentos que nela existem e são estes que a tornam rica e sábia. A nossa vida antes, durante e pós exílio não é igual e, se nós quisermos até pode haver uma grande mudança mas nunca é possível começar de novo. Nada na natureza pode ser apagado e na nossa vida é igual, de algum modo tudo o que vivemos e experienciamos acaba por nos marcar, e as marcas não podem ser apagadas e o ser não pode ser alterado. Moldado? Moldado sim, podemos nos moldar a uma nova vida. Nunca vamos nascer de novo, vão sempre existir coisas que nos prendem, como a nossa família e as pessoas que são importantes para nós, algumas memórias, as nossas características como pessoa e traços da personalidade. Não, nunca vamos nascer de novo, mas podemos viver de uma nova forma.

Para a tecnologia de serigrafia optei por realizar propostas em que a cor estava muito presente, transmitindo um sentimento de oportunidade e esperança, de algo bom. Utilizei formas contidas e sóbrias de modo a representar um certo controlo, e a ideia de que somos nós que vamos criar a imagem que as pessoas vão ter de nós, através da maneira como nos entregamos e nos damos a conhecer.

Para a tecnologia de gravura optei por fazer um tríptico com o fim de representar a nossa vida antes, durante e pós exílio. Decidi escolher três desenhos que falassem entre si e que tivessem o mesmo tipo de traço e mancha, conseguindo assim representar que apesar de existir uma alteração evidente de vida ao longo de todo o processo de exílio, interiormente nunca vai haver uma grande mudança, um corte. Na vida nada se perde, esta resulta de uma sequência de acontecimentos em que nenhum é apagado.



FLORISLAND

1/6

MIMI'20

